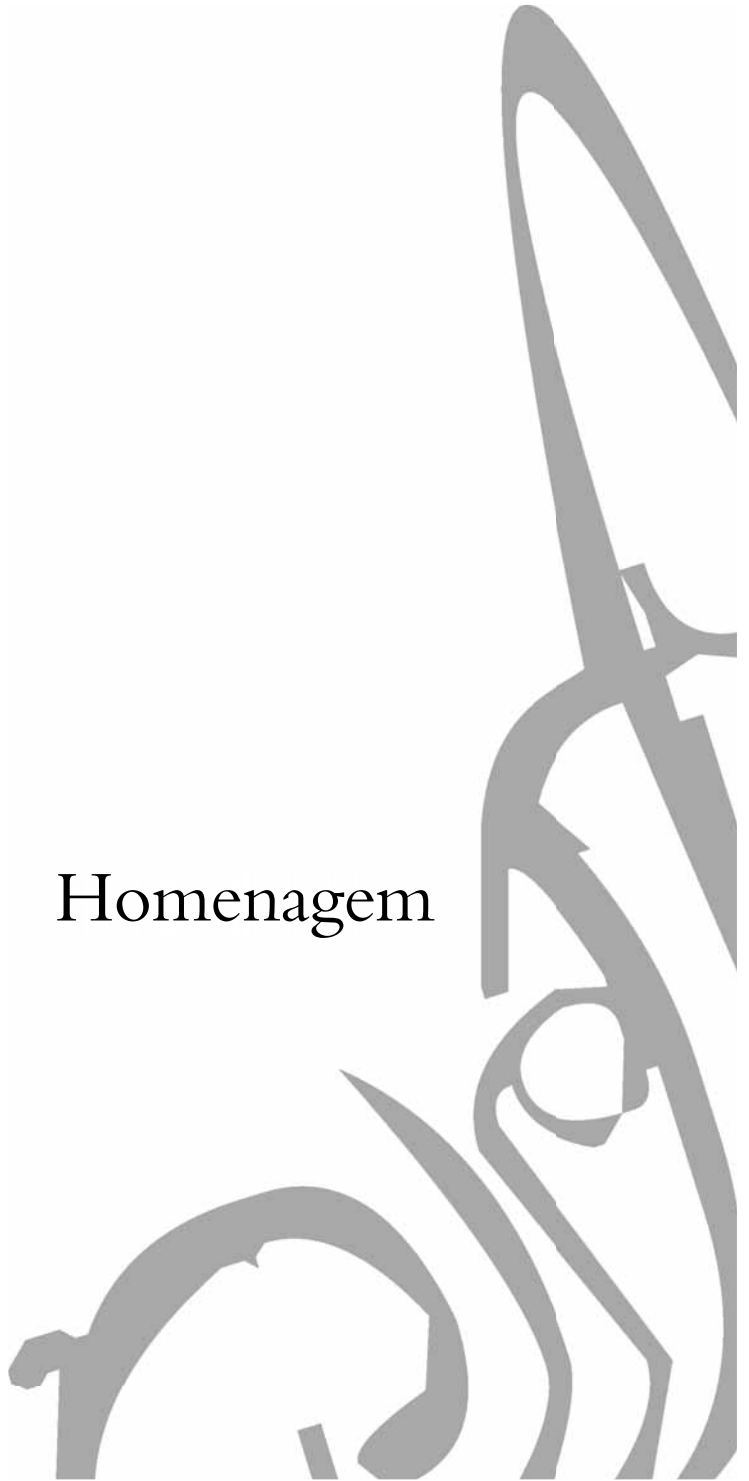


Homenagem



*“Desculpe-me pelas lágrimas, mas tudo isto é de cortar o coração”. Foi com estas palavras ditas por uma voz embargada que Bento Prado terminou, há muitos anos, uma de suas aulas para um pequeno grupo de pós-graduandos. Nós havíamos ouvido uma análise cuidadosa sobre o advento do discurso de primeira pessoa na filosofia, que o levava a comentar as primeiras linhas de “Rosseau, juiz de Jean-Jacques”. Nesta hora, diante da escrita dilacerada de um filósofo que não conseguia mais se encontrar consigo mesmo, um filósofo que se via apenas na distância de um juiz diante de um acusado, Bento Prado sabia que não havia nada mais adequado do que o silêncio e olhos lacrimejantes.*

*Para alguns de nós, estas lágrimas irão ressoar sempre. Pois, para quem havia aprendido filosofia através da exortação ininterrupta ao rigor e à desafeição, descobrir que haviam idéias que tinham a força aterradora de nos fazer chorar era como confrontar-se com um campo até então estranho no qual pensamento e vida não pareciam mais andar em separado. Um campo diante do qual nossos esquemas não cessavam de desabar. Depois de Bento Prado, nunca mais ninguém teve a coragem de nos levar até lá.*

*Quando escrevermos o livro da história da vida intelectual nacional dos últimos quarenta anos, certamente encontraremos um capítulo dedicado a um professor de filosofia que teimava em colocar seus alunos diante de uma certa modalidade de resistência à reflexão do conceito, de um certo limite à própria prosa da filosofia; isto para mostrar como, longe de representar uma fraqueza da filosofia, este reconhecimento das coisas que resistem era sua ironia suprema. Maneira de aprender a rir da filosofia através da filosofia.*

*Sua forma de escrever, privilegiando o caráter ziguezagueante do ensaio à sistematicidade das grandes dissertações, sua indiferença soberana em relação às fronteiras intelectuais, indiferença que lhe permitia operar no ponto de interseção entre filosofia, literatura, psicanálise, estética: em todos estes aspectos encontrávamos a ironia de quem gostava de repetir a frase de Whitehead “Os limites da natureza estão sempre em farrapos”. E se tem algo que Bento Prado nos ensinou foi como era possível fazer filosofia a partir daquilo que aparece à experiência contemporânea na condição de “farrapos”: material descontínuo e aparentemente irredutível à costura da reflexão.*

*Desta forma, o que estava em gestação no interior da experiência intelectual de Bento Prado era uma reflexão de larga escala a respeito de uma racionalidade capaz de se livrar do esquema rígido da norma e do sistema para repensar seus procedimentos e seus modos de escrita a partir do que aparece inicialmente como opaco aos procedimentos conceituais. Daí, por um lado, seu interesse por Bergson, Sartre e Deleuze. Daí, por outro, sua maneira peculiar de recuperar categorias como sujeito e subjetividade desprovido-as de todo pensamento da auto-identidade. Uma costura surpreendente que só Bento Prado era capaz de fazer. Uma costura que ele leva consigo, agora que a morte nos deixa apenas com as lembranças da força formadora de suas lágrimas e com a presença insistente das nossas.*